

Classificando o lugar do outro: entre falsos e verdadeiros no Heavy Metal¹

Muryel Moura dos Santos²

Ao longo de nossa pesquisa de Mestrado em Ciências Sociais, observamos a prática social dos indivíduos que se identificam com a música do *Heavy Metal*, mais especificamente, no lócus de pesquisa da cidade de Campina Grande-PB. Ao atentarmos a prática de jovens e adultos (na condição de músicos ou audiência), destacamos as performances em palco realizadas pelos músicos como dramas sociais vividos por esses indivíduos na cidade contra o conservadorismo. Historicamente, o estilo musical do Heavy Metal surge no pós-guerra, em meados dos anos 1980, momento pelo qual muitos artistas criticaram o *status quo* e suas instituições. Os artistas dessa música estavam inspirados nas reminiscências do punk para desferir agulhadas no *establishment*, por meio de seus discursos, estéticas e comportamento em palco, algo que se ampliou e tornou-se possível de observar isso sendo praticado por aqueles que se identificam com a música ainda na contemporaneidade, ainda mais com aqueles que desejam integrar sem envolvimento com a causa do Metal. Aqui, atentaremos de que maneira a sociabilidade ocorre, traçando uma linha de análise que contempla o jogo de categorias do grupo (como *poser*: destinada aquele que falseia ser do grupo e *truer*: aquele que superenfatiza sua adesão) para mensurar o pertencimento dos membros ao grupo. A partir desses enunciados percebemos que há disputas morais em jogo, conotando apreço e despreço em suas relações sociais. Assim, pretendemos apresentar de que maneira os jovens e adultos adeptos dessa música nos eventos e fora desses espaços agenciam as referidas categorias de exclusão e pertencimento nas interações e analisaremos quais são os custos disso às imagens dos membros envolvidos. A metodologia utilizada para apresentar esses dados advém de um trabalho de campo nosso iniciado em 2015, por meio da observação participante em shows e no cotidiano (inclui-se também aqui as redes sociais), o que nos possibilitará apresentar e discutir esse mundo artístico e social.

Palavras-chave: Heavy Metal, shows, prática e sociabilidade

Introdução

A presente comunicação visa discutir brevemente a utilização de classificações de pertencimento no Heavy Metal como *truer* (verdadeiro) e *poser* (falso), categorias que são mobilizadas para destacar o pertencimento ou não dos membros do grupo. A partir de minha pesquisa iniciada em 2015, que me permitiu registrar e acumular um material acerca das experiências e vivências partilhada entre jovens e adultos desse meio. Percebi no trabalho de campo a super ênfase dada ao engajamento que muitas vezes se figurava em formas de brincadeiras através dessas categorias como forma de ressaltar o pertencimento do indivíduo ao grupo.

A categoria *truer* conota o engajamento do indivíduo no grupo, por exemplo, indivíduo que frequentar todos os shows e fortalece os artistas e produtores desses eventos como dedicar-se exclusivamente ao Metal sem desvios. A categoria *poser* é atribuída ao indivíduo que tentar ser *headbanger*, essa tentativa para os membros é falsa, por isso é *poser*, ele apenas posa ser, destaca-se daí desengajamento, por exemplo, frequentar shows apenas visando o interesse próprio em querer ser reconhecido ou por achar o estilo de

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Doutorando em Ciências Sociais (UFCG/PPGCS/FAPESQ-PB, nº 1231/2021).

vida headbanger ser “massa”. Para o grupo, ser headbanger é muito além disso, por isso, eles criticam os desengajados. Tais categorias destacam até que ponto os indivíduos estão envolvidos no Metal para serem reconhecidos enquanto merecedores desse estilo de vida.

Além do trabalho de campo nos shows dentro e fora da cidade, a pesquisa focou em acompanhar os membros que compõem esse grupo em suas redes sociais do FaceBook e WhatsApp. O foco era entender como se dava a sociabilidade entre esses jovens e adultos nos shows, no cotidiano e redes sociais, tendo como *lócus* os membros da cidade de Campina Grande-PB, fato que possibilitou desenvolver a monografia de graduação (Santos, 2018). Através desse acompanhamento dos membros em diferentes dimensões da vida social, condensei os dados para apresentar aqui brevemente as classificações de pertencimento do grupo, em especial, delineado pelas categorias enunciadas por eles de Truer e poser nos momentos dos shows.

Partindo desses dados, focarei em apresentar de que maneira a categoria poser aparece nas relações dos membros, evidenciando quais são as razões mobilizadas pelo grupo para acreditarem que determinado indivíduo não mereça partilhar da identidade social headbanger. Assim, A pretendo apresentar dois momentos no texto a seguir: no primeiro momento apresento alguns elementos da representação Headbanger e no segundo momento discuto o desafio para ser reconhecido como Headbanger. Concluo, entendendo que os indivíduos constroem suas trajetórias na prática social e isso nem sempre será da forma esperada, por existirem interesses e negociações que ocorrem nesse processo de interação.

Classificando o lugar do outro

Ao desenvolver minha pesquisa sobre a prática cultural de jovens e adultos nos shows de Heavy Metal, se tornou importante atentar ao comportamento modelo, enfatizado pelos membros. Tanto músicos como audiência sustentam sua postura enquanto eticamente dirigida ao metal, fato que conota o prestígio e status social, em especial aos profissionais da música. Por meio desse elemento, percebi nos shows os membros avaliarem o comportamento dos indivíduos que frequentavam os espaços dos shows, buscando a transmissão de sinais de pertencimento como o engajamento no grupo, as formas de curtir e apreciar as performances, as bandas que se escuta e compartilha e outros (Santos, 2021). Na observação de campo, participando desses espaços de sociabilidade na cidade, o questionamento dos membros para com os outros como “tira essa camisa que você não a merece” era uma demonstração do valor social atribuído ao

campo quanto a identidade social Headbanger. Enunciados como do tipo descrito acima surgem em tom de brincadeira entre amigos visam reafirmar a inserção ou distanciar do campo aqueles não comprometidos com a causa Metal, o que está associado a lealdade do indivíduo aos shows; investimento de tempo social ao grupo para aprender a tocar alguns instrumentos ou cantar como participar de shows dentro ou fora do estado; apoio as bandas locais e de outros estados que participam do circuito underground; comprando materiais (cd, dvd, camisas e bijuterias) das bandas como forma de fortalecer o trabalho dos músicos, se tornam formas pelas quais os membros afirmam o compromisso ao Metal (Weinstein, 2000). As brincadeiras podem se utilizar desses elementos para questionar o indivíduo e transformar os enunciados para “você não luta pela causa do Metal” ou “quem são esses posers no show que eu nunca vi nos eventos?” são expressos por membros engajados no estilo de vida do Metal.

Isso revela um jogo que há nas relações deles para o membro afirmar sua posição, como isso evidencia também que o grupo se projeta para fora como distinto e da sociedade. Nesse jogo a disputa visa avaliar quem sustenta por mais tempo a imagem coerentemente, quando mais tempo se mantém a imagem mais reconhecimento e prestígio entre os pares o indivíduo consegue no grupo – os enunciados dos membros aos músicos como “das antigas” e “os dinossauros do Metal” são um exemplo nessa direção de capital social (Bourdieu, 2001). Outro exemplo pode ser destacado dessa exortação dos membros como enunciados respeitosos as bandas consideradas fundadoras do Heavy Metal, a saber: ACDC, Deep Purple e Black Sabbath são regulares nos discursos deles. Esse discurso não é somente feito por membros considerados *dinossauros* ou mais experientes no Metal, mas por jovens também que apesar de não terem dito o “privilégio” de terem vivido os anos 80, demonstram tributo a essas bandas como forma de distintividade e valorização das “origens” do Heavy Metal (Weinstein, 2000). Esse gosto distinto é socializado entre os pares, mesmo aqueles que são simpatizam por essas bandas no decorrer de sua inserção no grupo aprendem a escutar e apreciar as bandas “clássicas”. Desse modo, o valor social atribuído ao Metal incarna através da prática dos jovens e adultos do Metal e reproduz na sociabilidade dos eventos de que a representação deles é distinta e por isso devem manter-se adequadamente sem destoar (Wanderley, 2008).

Com o entendimento que a música heavy metal é distinta em vários sentidos que os membros também se tornam especialistas no tipo de música, essa especialização no que é distinto acompanha o membro a desenvolver seu repertório social ao longo de sua formação no grupo para que ele estabeleça relações e crie laços afetivos. No entanto,

aqueles que desejam representar o Metal sem passar por essa formação e de aceitação junto aos demais membros nos momentos dos shows, este indivíduo passa a ser considerado alguém que posa ser headbanger sem ser, na realidade o grupo o vê como deslocado fora do jogo do pertencer ao Metal.

Isso demanda uma explicação porque tais indivíduos tomam essas decisões dissimulando a prática da identidade social, sendo este o foco do texto. Alguns motivos são recorrentes de acordo com o grupo, por exemplo: demonstrar para outros que aprecia a música e tem um gosto particular; apresentar-se a sociedade como alguém diferente, e tentar aproximar, em especial, a realidade daqueles que nascem em famílias que possuem músicos e logo, de capital cultural que legitima eles como conhecedores da música.

Os membros do metal não concordam quando isso é dissimulado, ainda mais quando se trata de um grupo relativamente pequeno em que todos se conhecem por frequentar os mesmos eventos na cidade e viajarem juntos a outras localidades para assistir apresentações de bandas locais, nacionais e internacionais. Com isso eles não desejam ser envergonhados por seus pares, a dissimulação de alguns membros é malvista e considerada inapropriada.

Além disso, é considerado vergonhoso se envolver com indivíduos associados com o Metal cristão, aqueles indivíduos que frequentam igrejas nos finais de semana e participam dos eventos de Metal e tratam a música com demasia. Se o fator musical distingue os membros, a história do Heavy Metal demonstra que, eles devem se opor aos cristãos, por sua raiz antissistema – advindas, por exemplo, do punk – e do resgate feito por diversas bandas do paganismo e ocultismo contra o cristianismo – não irei focar nesse elemento aqui (Santos, 2021).

Nos momentos dos encontros nos shows os membros do Metal afirmavam nos círculos de amigos que é fundamental a frequência ou participação nos eventos com assiduidade, afinal isso ajuda a todos, as bandas, os produtores e a audiência que se reúne e rever os pares, gera identificação e reconhecimento entre eles, isto é, o compromisso com a identidade social que não é leviana, mas vivida intensamente. Para eles, ir ao show é mais que colocar uma camisa preta com estampa e as demais peças de roupas como coturno, calça preta, cabelo longo, símbolos ocultistas e pagãos, na realidade, esses são elementos importante, pois conotam a transmissão de sinais de pertencimento e que na visão deles todos podem vestir, mas nem todos a merecem, porque alguns não seguem o Metal verdadeiramente como os posers e cristãos devidos interesses próprios e receio em abandonar seus dogmas (Santos, 2021).

Não obstante, quando isso é observado pelo grupo sendo desenvolvido por algum indivíduo que tenta reproduzir sem perceber as implicações que há oculta naquela prática, o grupo identifica rapidamente atos não espontâneos. Justificando com isso que eles eram posers e não verdadeiros membros do Metal – os membros detectam isso devido o grupo ser pequeno e a maioria se conhecer, quando algum novato chega ao espaço eles identificam rapidamente. Como destaquei em outro trabalho, seguir a prática no metal é fundamental para entender a representação porque a prática mostra o processo de formação que o indivíduo passa para acessar este mundo social, não somente isso, como o que eles fazem para ser considerados a todo momento como headbanger (Santos, 2021). Mas atento a prática e algumas características da representação headbanger aqui, pois mostram os interesses e pretensões dos indivíduos (Santos, 2013).

Os headbangers contam que determinados indivíduos não são membros devido eles não fazerem jus ao nome que pretendem carregar. A tentativa desses indivíduos considerados posers na busca de passar uma boa impressão em demasia foge do escopo do que o membro realmente faz, tenta-se tanto demonstrar ser do grupo que destoa do que é realmente praticado, o que causa vergonha aos membros, por exemplo, ao observar um show na companhia de alguns headbangers um deles havia me apontado um indivíduo que estava no meio de um circle pit sozinho e ele havia dito que o rapaz em questão provavelmente não sabia que o estilo de música que estava sendo tocado não se curtia daquela forma. Apresento a seguir algumas situações de pesquisa interessantes que seguem na direção discutida.

A primeira situação se deu no trajeto da universidade para minha residência. Ao realizar esse trajeto preciso fazer uma baldeação (troca de ônibus) no terminal que fica aproximadamente 20 a 25 min de ônibus da universidade até a integração. Ao chegar nesse local que também fica próximo do famoso parque do povo, ao descer do veículo observei um membro do metal que conversava descontraído com pessoas que estavam se dirigindo ao *Maior São João do Mundo* feito todos os anos, quando esse membro me avistou vestindo camisa de Heavy Metal, buscou logo se esconder meio à multidão que saía do terminal como forma de ocultar sua ida ao São João.

Embora nunca ter conversado com ele ou estabelecido contato, conhecia ele dos eventos na cidade, naquela situação ele estava descaracterizado, alguns chamam essa ação de “apaisana” em analogia ao uniforme militar. O desconforto dele ao avistar alguém do grupo fez com que ele agisse de forma desconfortável, gerando nele, vergonha tentando se esconder do flagra. Isso ressalta que ele sabia que tais atitudes não são bem quistas

para ser desenvolvidas por membros do grupo – embora todo ano também existam membros que organizam locais para os headbangers se reunirem nesse mesmo período junino dentro do evento e fora desse local. Para o grupo essas ações não condizem com a prática, pois esta ação revela o descompromisso do indivíduo com a causa do metal e muitas vezes deixa de ir aos eventos de metal para ir em eventos similares ao citado do que fortalecer os irmãos do Metal.

Outra situação semelhante, ocorreu no interior da universidade. Fui convidado por amigos a ir ao auditório central assistir à apresentação de música clássica que estava ocorrendo. Ao chegar ao auditório e me sentar, passei a observar a performance dos músicos, passando a vista em todos eu reconheci um membro ao passo que ele também tinha me observado, habilidosamente ele continuou cantando para não atrapalhar o conjunto que participava e se ocultava nas costas de outro rapaz alto que estava ao seu lado. Ambas situações contemplam membros que eram considerados engajados no metal tanto pela música que simpatizavam quanto pelo círculo de amigos que participavam. Em ambas situações os indivíduos estavam em contextos fora do Metal, fato que gerou e ainda gera vergonha neles.

Por fim, apresento brevemente o caso do jovem Félix que tentou por muito tempo se aproximar do grupo, agindo e comportando-se enquanto alguém interessado no Metal. Ele passou a demonstrar publicamente que simpatizava com a música Metal, incorporando a estética, sonoridade do Metal as suas atividades e participando dos shows com regularidade. Félix conheceu os membros do grupo e depois de um tempo participando dos eventos, propôs aos mesmos a formação de uma banda, sendo ele morador da classe média alta na cidade, garantiu aos membros que todos os instrumentos e o local de ensaio estavam garantidos porque ele possuía tudo que era necessário para a banda. Os colegas dele teriam apenas o esforço de se dirigir a residência dele e tocar os instrumentos. A animação e disponibilidade dos instrumentos não gerou aos membros nenhuma desconfiança a priori, pois Félix era uma pessoa “engajada” e tinha condições financeiras para fazer tudo aquilo acontecer.

Após esse momento feito por Félix aos membros, o sentimento de animação foi sumindo, os membros questionavam quando iriam ensaiar e sempre recebiam vácuos de Félix, quando não era isso, Félix colocava dificuldades, segundo um interlocutor que tocava com ele. Os membros terminaram desistindo e depois os mesmos revelaram que Félix havia criado tudo aquilo apenas com intuito de se aproximar e estabelecer amizade. Essa revelação gerou no grupo reverberações pela mentira que foi sustentada como

verdadeira, os membros chamaram Félix de poser e outros insultos, realçaram também que um brother não engana seus parceiros. O que deslegitimava Félix se aproximar novamente do grupo, para eles Félix não levou a sério o significado de performar uma banda de Heavy Metal. Talvez o jovem em questão não tivesse pensado no que resultaria tais ações, o que configurou uma simplificação da experiência de ser Headbanger, reduzindo o Metal apenas aos aspectos que ele projetou ao grupo (Berger, Luckman, 1983). Quando o indivíduo cogita que o headbanger não tem objetivos claros mantidos por especialistas no estilo de vida, se engana e termina recebendo todo um clímax de vergonha e tensão social por falsear a realidade arquitetada por eles com direitos e deveres que devem ser defendidos dos falsos (Bourdieu, 2008).

Em suma, visei apresentar brevemente alguns elementos e situações da prática da representação social realizada por jovens e adultos do Heavy Metal, a seguir analiso o peso que tais ações tem para o grupo (Bourdieu, 2004).

Uma breve análise

A superioridade que o tipo true quer encarnar para depreciar o poser se sustenta na crença do cumprimento de certas regras grupais como meio de reconhecimento identitário. (Santos, 2013: 112)

Neste segundo momento, focarei nas práticas incompletas que são questionadas justamente pelo fato de serem consideradas falsas pelo grupo, pois eles desejam perceber até que ponto os ditos membros estão realmente envolvidos com as atividades do grupo sem dissimulação.

Acompanhando os membros numa excursão a Recife-PE, observei uma situação interessante para descrever, pois destaca a importância que os membros atribuem ao comportamento regular headbanger. O membro Marcelo, conhecido pela sua participação engajada e pontual nos shows de Metal da cidade, caiu numa brincadeira que tinha como objetivo caçar dele por sua demonstração compromissada no Metal. A brincadeira se desenvolvia na fila de entrada da casa de show por amigos de Marcelo, momentos antes de sua chegada no local. A brincadeira tinha o objetivo de desmascarar Marcelo como conhecedor do Metal e sua imagem de distinção entre os outros.

Ainda na fila de entrada, os amigos de Marcelo criaram uma banda, isto é, inventaram uma banda para pegá-lo na mentira. Os amigos atribuíram uma biografia que informava diversos aspectos da banda inventada – não entrarei nos detalhes dessa biografia, mas é importante destacar que sua elaboração tinha traços de bandas

estrangeiras – e deram o nome de Gnome of death. Quando Marcelo chegou à fila onde os seus amigos estavam, após a saudação aos membros, ele foi questionado se conhecia a banda anteriormente citada, com certa agilidade ou pensamento rápido, Marcelo afirmou que conhecia a banda e o que levou a todos se entre olharem e darem sorrisos de canto de boca, uma clara demonstração que a brincadeira tinha sido bem sucedida (Berreman, 1975).

Outros aspectos são questionados pelos membros do grupo, a saber: quando o indivíduo afirma ter ido a shows de bandas consideradas “clássicas”, sem registro que comprove tal presença; quando o indivíduo afirma que detém instrumentos ou materiais (cd, fita ou vídeo cassete e dvd) raros com distribuição limitada, objetos que possuem um valor simbólico significativo ao Heavy Metal (Silva, 2014; Weinstein, 2000). Aqueles que foram descobertos pelos membros se tornam ou passam a ser conhecidos como mentirosos ou desacreditados, dependendo do que foi revelado, a mentira ou falseamento deteriora os valores que são partilhados nesse campo social. Um desses valores é a imagem social que todos têm a zelar, pois muitos são músicos e audiência, o show é organizado, performado e apreciado por membros que também possuem banda ou alguma predisposição para tal. A associação com algum indivíduo que desvirtua esse valor, que não respeita a própria imagem como do outro, pode levar ao grupo a falar mal desses indivíduos, em especial, quando esses posers são indivíduos próximos ou simpatizantes do grupo do Metal cristão.

Na sociedade dominante, o indivíduo que muito falseia (prática e discurso) não merece muita confiança e ele sempre está sendo observado pelos demais para tentar corrigi-lo quando possível (Goffman, 1956). A considerada dissimulação é uma atividade criada pelos indivíduos que frequentam os shows para tentar se aproximar e talvez pertencer ao grupo. O exercício de classificar o lugar do outro por aqueles socialmente estabelecidos, pelo que pode identificar efeitos, pois essa classificação é para aqueles que desejam entrar no grupo, é quase uma constante prova do que o indivíduo deve ser; pode-se dizer também que aqueles que foram antes classificados a posteriori farão o mesmo com aqueles que estão se inserindo no campo, o processo de formação e pertencimento é realçado constantemente. Aqueles que classificam o lugar do outro se deve pelo fato de serem membros já iniciados que conhecem a dinâmica do grupo e por isso são respeitados no grupo local.

Essa classificação do lugar do outro visa no fundo, manter a unidade social entre os pares – em especial, com o avanço do conservadorismo sobre a cultura, com grupos

alternativos cristãos advindos de diversas igrejas –, pois, os posers e cristãos não desejam integrar o grupo por completo, eles participam dos shows sem abandonar dogmas ou interesses extra metal como ir a shows de sertanejo e outros. Conta-se em campo que o Heavy Metal underground não é modinha, mas sim, um estilo de vida – se trata da sobrevivência cultural daqueles que se associam a esta música (Wanderley, 2008).

A categoria poser coloca questionamentos sobre o outro no grupo e revela conforme o grupo destaca tudo aquilo que o headbanger não deve ser. A pesquisa de Santos (2013) desenvolvida na Bahia acerca da utilização dessas classificações no grupo pesquisado, destacou que as relações sociais do grupo são tensionadas quando os membros identificam aqueles que não são Headbangers cotidianamente e participam dos shows – como os adeptos do Metal cristão. O indivíduo que deseja ser reconhecido como tal e integrar o grupo socialmente e artisticamente, deve ser headbanger dentro e fora dos shows como forma de compromisso com a identidade social.

A utilização da classificação vai além do caçoar, esta mensura o quanto o indivíduo está envolvido no sistema social do Heavy Metal. A dissimulação do poser deve ser entendida dentro do sistema social que este faz parte para se entender as ações e reações dos membros em sua utilização (Santos, 2013; 2021). Em determinadas ocasiões os membros preferem ocultar suas crenças do que serem reconhecidos como falsos e logo não caírem na posição de e poser; existem aqueles que preferem ocultar sua imagem religiosa por se considerarem nova criatura no Metal; há aqueles que preferem casar não em igrejas e com presença de advogado dirigente da cerimônia. Entende-se que a prática da representação do Heavy Metal não pode ser realizada em demasia e mesmo assim, o headbanger não ficará isento de classificações dos outros (Santos, 2013).

Conforme Goffman (1959) destaca, quando os indivíduos estão num espaço em que as regras e modos de relação estão enfatizados, há a chance desse indivíduo ocultar suas práticas para manter o status e sua imagem social distante do olhar do outro, como ocorre com os membros do Heavy Metal. Dependendo do que o indivíduo tenha dissimulado ou feito, isso pode ser compreendido como desonra ao Metal como o tema do cristianismo que desde 1980, diversas bandas criticam esta instituição religiosa. Logo, eles não desejam também serem associados aos adeptos do Metal cristão porque vai contra os valores do grupo (Peristiany, 1971). Apoiado pela repetida enunciação de masculinidade que perpassa esse mundo para defender o metal do inimigo geralmente caracterizado na religião dominante.

Por isso, as disposições do grupo podem ser entendidas como coações das relações sociais que operacionalizam e dinamizam o desenvolvimento da prática social nos shows (Goffman, 1956; Bourdieu, 2008). Desse modo, atentar ao curso da ação revela de que forma para o grupo a prática possui expressividade baseada em elementos verdadeiros ou falsos nas ocasiões de transmissão de sinais considerados apropriados aos membros do grupo. Em resumo, todos no Metal estão propensos a contradição no ideal e real devido à dinâmica que é a vida social, isso cria ainda tensões nos planos e sentimentos daqueles que exortam esse estilo de vida e se orgulham por se manterem convictos disso durante décadas e somente por isso geram-se ações e reações quando há dissimulação de seu mundo social. Busquei por meio da experiência de campo ao longo dos anos participando desse meio apresentar parte da dinâmica operada e os custos para permanecer no grupo.

Considerações finais

O presente artigo visou apresentar o mundo social e artístico dos membros do Heavy Metal e maneiras de se comportar enquanto um membro do grupo. A partir dos momentos de sociabilidades dos shows identifiquei existir um sistema de classificação de pertencimento que colocava alguns indivíduos na condição de verdadeiros e outros indivíduos na condição de falsos. Para os membros, há aí um comportamento esperado a ser executado que precisa ser desenvolvido de forma natural e não mecânico como modo de demonstração do pertencimento no grupo. Quando a visão especializada de determinados membros do grupo delineia que há indivíduos não engajados, cria-se uma tensão, em especial, aqueles que desejam integrar o grupo em demasia sem demonstrar envolvimento no Metal.

Demonstrei que mesmo aqueles membros já consolidados no campo não escapam dessas classificações de pertencimento quando o grupo identifica algo fora do regular ou da performance que esses advogam sustentar nos eventos. Esses que são classificados recebem críticas, olhares de indiferença e distanciamento por parte do grupo devido algum envolvimento considerado inapropriado (como da religião) ou por se comportar adequadamente enquanto membro (sabendo o que curtir, escutar e vestir). Uma diferença estabelecida na relação dos considerados “verdadeiros” e os “falsos” se dá pelo fato dos primeiros manterem sua prática de forma incutida cotidianamente, o que segundo eles os falsos “posers” não fazem e nem mantêm interesse no Metal (Santos, 2013).

Ao fundo dessas relações chega-se no princípio que ambos os lados encobrem os aspectos de suas vidas, alguns deixam escapar, outros são descobertos e outros mantêm

ocultos. Alguns deles têm mais credibilidade para apresentar-se enquanto headbanger e outros precisam mostrar isso na prática por não terem sido iniciados no grupo, isto é, o processo de formação ou aprendizado necessário. Por fim, apresentei que essas formas de relações sociais nos shows de Heavy Metal na cidade de pesquisa demonstra as demandas e negociações que são feitas pelos membros do grupo.

Referências

BERREMAN, Gerard D. **Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia**. Desvendando Máscaras Sociais (GUIMARÃES, Alba Zaluar, org.) Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora S.A.1975

BERGER, P., & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento** (5th ed.). Petrópolis: Vozes. 1983

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: O que Falar Quer Dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001

_____. **Coisas ditas**. Coisas ditas São Paulo: Brasiliense, 2004.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 1956.

PERISTIANY, J. G. **Honra e Vergonha: valores das sociedades mediterrânicas**. 1 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1971, p. 269.

SANTOS, M, M. **Shows, bandas e audiência: uma análise microsociológica entre os Headbangers**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, 2021.

SANTOS, Taís Vidal dos. **O true contra o poser: um estudo das condições e contradições de ser e fazer metal underground na cidade do Salvador**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2013

WANDERLEY, Maurício do Vale Dourado. **A Cena Metal Aracajuana: Identidade e conflitos entre grupos antagônicos**. Monografia (graduação) Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Ciências Sociais, 2008.

WEINSTEIN, Deena. **Heavy Metal: the music and its culture.** Da Capo Pres. 2000. p, 368.